

CONVERSANDO SOBRE IDENTIDADE PROFISSIONAL

Eliana Anjos Furtado*

FURTADO, E.A. Conversando sobre identidade profissional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.2/3, p.46-8, mai./dez., 1999.

RESUMO: Esta fala se propõe a refletir sobre identidade profissional do terapeuta ocupacional apoiada no pensamento pós-moderno através dos conceitos de complexidade, processo, tecnologias e transdisciplinaridade. Esta foi apresentada no VI Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional na mesa redonda intitulada "Identidade profissional e a transdisciplinaridade: tensões no campo da terapia ocupacional".

DESCRITORES: Terapia ocupacional, tendências. Prática profissional, tendências.

Encontrei uma relação possível para a discussão sobre investigação na Terapia Ocupacional no pensamento clássico e nesta conversa hoje sobre subjetividade, genealogias, tecnologias e interdisciplinaridade. Mais concretamente nos estudos de Eizirik, Foucault, Morin.

Há uma possibilidade que nestes princípios abordados por estes autores se possa construir uma conexão para a elaboração de um método de investigação na terapia ocupacional.

A oportunidade que a terapia ocupacional possibilita ao sujeito a cuidar de si, em experimentar-se como produtor é o que temos de precioso para ajudar aos sujeitos a constituírem-se pertencente.

Esta possibilidade estabelecida nesta circularidade da relação terapeuta, paciente, atividade e mundo real efetiva o que nos compõe como ser. Sentindo, projetando, gestando, elaborando, construindo, sendo. Os depoimentos dos nossos pacientes revelam para nós este caminho. Chamo esta relação de circular pois há

um movimento intrínseco na relação, no uso da atividade e nas possibilidades espacial e temporal na proposta terapêutica.

Tenho dito aos alunos da graduação, que a terapia ocupacional não pode ser olhada como uma disciplina comum, linear, pois todo o tempo somos circular (circulação) e desviante quase sempre. Digo isto pois de onde partimos é da trajetória quase sempre desviante da vida do sujeito, constituída de uma não ação, ou de uma ação contrária, onde lembranças, memórias, afetos e cognição vão ser decodificadas, resignificadas, reconfiguradas para a construção de uma nova ação.

Na terapia ocupacional a história de vida do sujeito se reconstrói através do movimento e da ação concreta. Não é por acaso que somos chamados a ocupar as pessoas. Isto é o senso comum, o princípio básico em que todas as ciências partem. E senso comum não quer dizer que não procede. Sabemos que procede.

No momento em que somos solicitados a dar conta desta trajetória, nós partimos do senso comum, da

* Mestre em educação. Professora do Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ciências da Saúde do Instituto Porto Alegre, FCS-IPA.
Endereço para correspondência: Rua Joaquim Pedro Salgado, 80. Caixa Postal 267. 90000. e-mail: efurtado@portoweb.com.br.

inatividade social do sujeito, engessado pelo processo em que está vivendo, seja ele patológico e/ou social. Portanto a nossa investigação é desviante, partimos da estagnação (porque estagnou, como estagnou ou porque nunca se movimentou) e nesta circularidade vários elementos se interpõe, compõe. E um deles é o processo de saúde e doença, a sintomatologia entra nesta circularidade constituindo-se como mais um elemento desta catarse praxica.

Esta reconstrução da história de vida no processo terapêutico possibilita um desvelamento, um despertar criativo que vai se transformar inicialmente no corrimão do processo. Este processo terapêutico na terapia ocupacional se dá através do uso de atividades. Estas tem sua eficácia, sabemos disto, mas também sabemos que a compreensão deste movimento – tratamento é fundamental para o sucesso da nossa intervenção.

Portanto o entendimento da dinâmica desta relação circular (circulação) nos pertence enquanto saber e processo metodológico de investigação e abordagem, isto é o que nos identifica. A dinâmica que compõe a história do sujeito este entendimento não nos pertence enquanto saber, porém é um elemento a mais desta circularidade que acoplado com todas estas conexões que o terapeuta ocupacional tem que fazer nos fornece elementos a mais de apoio para nossa ação.

A riqueza da abordagem da terapia ocupacional está exatamente nesta possibilidade de conectar com vários saberes e resultar numa prática interdisciplinar quase sempre. Talvez isto explique a nossa inquietude e ansiedade na busca de um saber específico que nos dê a possibilidade de constituirmos como ciência.

ARENDT¹ diz “sempre pensei que se deve começar a pensar como se ninguém tivesse pensado antes e depois começar aprender com todos os demais, mas por nós mesmos”.

Me autorizo a afirmar de que a terapia ocupacional por todos estes aspectos que falei anteriormente não se enquadra nos princípios da racionalidade moderna e portanto esta busca de identidade positiva de que tanto falamos tem que partir desta trajetória, das conexões como diz MORIN⁶: “nem um conhecimento geral e nem uma teoria unitária”.

Chamo de identidade positiva a partir da palavra ideo do grego idéa e positiva do latim escolástico positivu. Idéa quer dizer princípio, aparência e positivu quer dizer evidente, efetivo, real.

Temos uma identidade e um método, entretanto, está encoberto, não reconhecido, não proclamado como

tal. O nosso conhecimento também é desviante. Este conhecimento – pensamento na nossa prática não abandona a aparência, o senso comum, a criação, a percepção o imaginário e o real. O que nos falta é aceitar que é assim.

Quando em um artigo falei acerca da percepção da terapia ocupacional disse que precisava-se fazer uma diferenciação entre o que era o fenômeno e o objeto na terapia ocupacional. Naquela época estava começando a construir este pensamento. Hoje, vejo que a dificuldade é que o fenômeno e o objeto não é possível separar sem a participação direta e/ou indireta da história de vida do sujeito, pois o processo terapêutico passa pela organização do sujeito em ação. Não podemos falar de atividade terapêutica sem interligá-la com a trajetória de vida deste sujeito.

A busca e o desenvolvimento de um processo ocupacional que possibilite qualidade de vida é a essência da nossa ação. Entendendo o processo como define EIZIRIK²: “um movimento sistêmico formado por redes de percepções, pensamento e ação”. Ação do homem como essência de ser. Na terapia ocupacional os sujeitos constroem a objetivação do EU, o eu mesmo e o si mesmo.

Ainda segundo EIZIRIK² Sócrates designava a palavra cuidado por epimeléia que queria dizer: prestar atenção a alguma coisa. O que caracterizava o cuidado de si para ele não era cuidar do que se tem mas cuidar do que se é.

Na Terapia Ocupacional o cuidar do que se é acontece como um desvelar-se. Segundo NAFFAH NETO apud MURYLAERT⁸ a palavra terapia vem do grego Therapéia que quer dizer solicitude. Um desvelar-se através do movimento sistêmico e da solicitude proporcionam a possibilidade de que neste processo terapêutico esta objetivação do real aconteça através do processo de criação e conexão com as várias outras possibilidades de experimentar-se. Outro elemento importante no processo de tratamento na terapia ocupacional que contribui no cuidado do que se é, neste desvelar-se, é a complexidade da definição de *setting* na terapia ocupacional. Para esta construção, precisamos de uma polifonia de saberes, posturas, de uma amplitude espacial e temporal que vão nos possibilitar as condições para a ação e com isto lidar com as mais variadas estratégias para esta construção.

Os leigos e os próprios sujeitos em tratamento se referem à terapia ocupacional como um espaço. Um espaço completo, com várias possibilidades de aconte-

cimentos, tudo é possível (dentro da ética), tudo se transforma, qualquer material é útil. O nosso *setting* é flexível pois transitamos em muitos espaços, com tempos diferentes, com muitos objetos e riqueza de situações que oportunizam ao sujeito uma relação terapêutica diferente da tradicional e mantida por outras disciplinas.

De uma certa forma isto se confunde como uma prática alternativa, não séria, talvez não importante, talvez pouco científica. A terapia ocupacional fica sendo vista como algo marginal, que está à margem de outras ciências. E aqui cabe uma pergunta: Será? Se a resposta for positiva este é o ponto de convergência entre nós e os pacientes? É esta fusão a responsável pelo freqüente sucesso desta ação? Quem é este profissional, o que este saber, que usa serrote, pincel, barro, agulhas, tintas, danças, caminhadas e outros tantos materiais, que prepara em conjunto com os sujeitos esta mistura maravilhosa de saberes e acaba ajudando o outro a cuidar de si?

Analisar este movimento e a multiplicidade das conexões existentes nesta relação de circularidade entre pacientes, terapeuta, espaço, tempo de ação é uma tarefa muito complexa pois requer uma observação constante e uma vigilância enorme nas estratégias utilizadas, de parte do terapeuta.

Pensar a ação da terapia ocupacional desta maneira é dissecar a relação de independência e dependência das outras ciências, das outras sistematizações. O que nos faz sair do estágio de copiladores para nos aventurar no escuro que ainda vivemos. ARENDT¹ cita Tocqueville onde diz que a “mente do homem vagueia na escuridão desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro”. Mas segundo a autora a escuridão é promissora pois nos leva a buscar a libertação. Sendo que esta só vem se o viajante primeiro ousar revelar as coisas terríveis que viu.

Penso que estamos fazendo isto agora e o desafio para o próximo século é cuidar do que se é.

FURTADO, E.A. Talking about professional identity. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.10, n.2/3, p.46-8, mai./dez., 1999.

ABSTRACT: This speech proposes to discuss think about the professional identity of the occupational therapist supported on the post modernity through the concepts of complexity, process, technologies and interdisciplinaryty. The present report was presented in the VI Brazilian Congress of Occupational Therapy in a discussion named “Professional Identity and interdisciplinarity: tensions in the occupational therapy field”.

KEY WORDS: Occupational therapy, trends. Professional practices, trends.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARENDT, H. *A vida do espírito*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.
2. EIZIRIK, M. *Uma janela para olhar a sala de aula*. Porto Alegre, 1997. (mimeo).
3. EIZIRIK, M. A subjetividade na travessia do século. *Rev. Educação, Subjetividade e Poder*, n.4, mar./dez., 1997.
4. FOUCAULT, M. El sujeto e el poder. *Rev. Mex. Sociol.*, n.3. (mimeo).
5. FOUCAULT, M. *Historia da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro : Graal, 1986.
6. MORIN, E. *O paradigma perdido - a natureza humana*. Portugal, Publicações Europa-América, 1973.
7. MORIN, E. *O método v.1, 2*. Portugal, Publicações Europa-América, 1980.
8. MURYLAERT, M. *Corpo afecto - psicologia no hospital geral*. São Paulo : Escuta, 1995.
9. SCHNITMAN, D. org. *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996.

Recebido para publicação: 12/11/1999

Aceito para publicação: 20/12/1999